

ACUPUNTURA URBANA NA COMUNIDADE SERVILUZ, EM FORTALEZA-CE

Biofilia, Conectividade e Bem-estar

URBAN ACUPUNCTURE IN THE SERVILUZ COMMUNITY, IN FORTALEZA-CE

Biophilia, Connectivity and Well-being

**A. Laura S. Rios & B. Liana S. Feingold & C. Alana Aragão & D.
Rafaela Vasconcelos**

Estar Urbano Ateliê de Arquitetura e Urbanismo, Brasil.

contato@estarurbano.com.br

alanaavasconcelos@gmail.com

rafaelamvasconcelos@edu.unifor.br

RESUMO

Este artigo se concentra em discorrer e analisar a especificidade e as consequências decorrentes da adoção de uma metodologia participativa em projetos de arquitetura e de intervenção urbana designada como EU SINTO – EU PROJETO – EU REALIZO – EU CONECTO, da qual é entendida aqui como uma proposta que têm como ponto inicial a partilha das atividades da produção em arquitetura e urbanismo com o usuário. Busca-se saber se os processos da metodologia citada promovem, de fato, a produção de um espaço menos determinista em relação ao seu uso, a emancipação dos sujeitos e o estímulo ao sentimento de pertencimento. Com essa intenção, analisa-se, especificamente, essa experiência de intervenção urbana, o workshop de Acupuntura Urbana, proposto pelo ateliê Estar urbano, realizado em Fortaleza no ano de 2018. A análise busca transcender o campo dos resultados físicos de melhorias estruturais do espaço, através da observação do impacto da intervenção e do formato de aplicação nos atores envolvidos durante e após a realização do projeto. Aborda também conceitos já incorporados à acupuntura urbana e ao urbanismo tático assim como à construção e à aplicação do conceito remetendo à uma análise das ações desenvolvidas por instituições de pesquisa e ensino, movimentos sociais, organizações não-governamentais e governamentais.

Palavras-chave: acupuntura urbana, urbanismo tático, biofilia, urbanismo colaborativo.

Linha de Investigação: 3: Dinâmicas Urbanas: Urbanismo insurgente e coletivos urbanos.

ABSTRACT

This article concerns about describe and analyze the specificities and consequences of the use of a participative methodology in architecture projects and urban interventions called I FEEL – I DESIGN – I ACCOMPLISH – I CONECT, in which is understood here as a propose that has as an initial point share de activities of production in architecture with the future user. Is looked to know if the process of the methodology applied promote, in fact,

de production of space less determinate related to its use, the emancipation of the community and stimulus of the feeling of belonging. With that intension, is analyzed, mostly, an experience of an urban intervention, the workshop of Urban Acupuncture, suggested by the studio Estar Urbano, accomplished in Fortaleza in 2018. The analysis searches to transcend in the field with physical results of structural improvements in the space, through observation of impact of the intervention and of its application format in the community involved during and after the making of the project. It also addresses the concept of embody Urban Acupuncture and Tactical Urbanism, as well as the construction and application of the concept referring to a analysis of actions developed by institutions of research and teaching, social movements, non-governmental organizations e governmental.

Keywords: urban acupuncture, tactical urbanism, biophilia, collaborative urbanism.

Research Line: 3: Urban Dynamics: Insurgent urbanism and urban collectives.

1. INTRODUÇÃO

O artigo descreve o processo de aplicação de um workshop urbano idealizado e ministrado pelo Ateliê de Arquitetura e Urbanismo Estar Urbano, em 2018. O recorte espacial escolhido de forma colaborativa foi o bairro Serviluz, uma antiga vila de pescadores com infraestruturas precárias na cidade de Fortaleza-CE e, através das ações em grupo, com pessoas locais e profissionais de diversas áreas, teve como objetivo promover novos significados e usos.

Essas novas formas de realizar urbanismo são idealizadas, ou emergem em diversas cidades pelo mundo, pela influência de novos conceitos no realizar urbanismo, como urbanismo tático, acupuntura urbana, biofilia e insurgência.

Segundo Certeau (1986), “táticas” trata-se de uma abordagem de levantamento de dados estatísticos que valoriza o protagonismo dos agentes locais da área em estudo. Logo, o conceito busca a prática da escuta ativa e tem como foco ações em curto prazo e baixo custo, além de provocar mudanças de hábitos em prol da construção de uma comunidade mais participativa diante as eventuais crises sociais. Para este êxito ser possível, o autor também pontua sobre a importância da linguagem, visto que esta pode assumir o papel de importante ferramenta no processo de aproximação com a comunidade se houver o cuidado de respeitar a cultura local. Caso contrário, alerta sobre a possibilidade de gerar um problemático distanciamento a prejudicar o processo de apropriação e pertencimento das intervenções aplicadas.

Em contrapartida ao planejamento tático, Certeau (1986) nomeia a forma de abordagem antagônica como “estratégica”, a qual apresenta soluções sem o processo imersivo no contexto do espaço que será transformado, sendo muito utilizada no campo econômico, político e científico, e com poder usualmente retido por as instituições. Desta forma, segundo o autor, o pertencimento passa a ser individual, enquanto na abordagem “tática”, o pertencimento é “de ninguém”, potencializando a coerência com a realidade local por possibilitar maior pluralidade de soluções.

Outro conceito norteador para a pesquisa é a Acupuntura Urbana, a qual defende intervenções pontuais, de pequena escala, como potentes estratégias de transformação nas cidades. Desta forma, traz à tona o debate prático em relação aos longos e grandes planos estratégicos que, por vezes, não chegam à fase de aplicação integral, causando frustração e descrença popular em processos de planejamentos. Lerner (2011) declara que essas “picadas” urbanas possuem potencial de efeito cultural, como uma forma de resgate da conexão perdida

entre o homem, a sua identidade e a natureza, alterando, assim, a paisagem. Além disso, o autor diz que a cidade está em constante transformação, e é necessário encontrar novas atividades e funções para garantir a vivacidade do meio urbano, garantindo confluências entre pessoas.

Ainda sobre o desenvolvimento urbano e a relação com a natureza, é possível adentrar no conceito de Biofilia. Wilson (1986) traz a definição do conceito como o amor pela vida, por ser uma ciência que se propõe a buscar uma maior conexão com o meio natural através de formas, vegetações, práticas ou espaços como parques, praças, canteiros e jardins de chuva.

Diante às possibilidades na forma de pensar o espaço urbano apresentadas, é importante reforçar que deve haver um equilíbrio entre ações planejadas e não planejadas (RAUTERBERG, 2009, apud BRAGA, 2018). Movimentos sociais urbanos são necessários para micro revoluções ocorrerem pela cidade (SANTANA, 2016, apud BRAGA, 2018). Os mesmos podem agir em parceria ou conflito com o Poder Público, visto se o Estado atende às reais necessidades dos grupos em ação (TAYLOR, 2007, apud BRAGA, 2018). Essas ações de movimentos sociais são de extrema importância para a real apropriação da cidade e transformação de lugares para um estar mais adequado (BARBACOVÍ, 2015, apud BRAGA, 2018). O estudo por esses movimentos insurgentes se tornou tão importante que o planejamento vem à tona como uma forma alternativa de comunidades, esquecidas pelo Poder Público, superarem a tradição da teoria do planejamento e utilizarem práticas cidadãs como solução (MIRAFETAB, 2016).

Quanto à história da comunidade Serviluz, esta teve essa denominação pela antiga Autarquia Municipal de Serviço de luz (SERVILUZ), localizada próxima ao farol, construída em 1954. Uma ocupação irregular caracterizada pela presença do mar no entorno próximo, é uma localização de interesse de especulação imobiliária em Fortaleza (Ceará), e, dessa forma, os moradores têm a necessidade de se defender pelo direito e conexão com aquele território. Os mesmos atualmente ainda se utilizam do mar como forma de renda familiar, por meio de pesca artesanal e pelo surf.

O processo de escolha do recorte espacial ocorreu a partir das sugestões dos alunos do workshop, onde dentre eles havia um morador do Serviluz. Diante ao compartilhamento do laço afetivo existente com o local e as necessidades urgentes de infraestrutura, o grupo escolheu a região para receber a intervenção em conjunto com a comunidade.

2. OBJETIVO

A pesquisa em questão tem como objetivo registrar e avaliar a aplicação da metodologia designada como EU SINTO – EU PROJETO – EU REALIZO – EU CONECTO através da análise de seus impactos no espaço e nos atores envolvidos decorrentes do projeto de intervenção urbana realizado pelo ateliê de arquitetura e urbanismo Estar Urbano no bairro Serviluz. Tem como objetivo também trazer reflexões sobre os resultados da intervenção que unificou processos de capacitação de multiplicadores da metodologia com o processo participativo de elaboração do projeto urbano e o processo de mobilização e articulação dos atores (comunidade local e públicos externos) para a execução do projeto em forma de mutirão. As ferramentas utilizadas foram entrevistas aplicadas com participantes da intervenção e moradores locais, e registros capturados em visitas *in loco* após o processo de mutirão.

Nessa perspectiva, a partir de reflexões e experiências com pesquisa-ação na intervenção urbana colaborativa realizada no bairro do Serviluz, pretende-se avançar na definição conceitual e na proposição de estratégias

para o urbanismo tático e acupuntura urbana, considerando a ação local, o fortalecimento de processos de governança, a avaliação sistêmica dos impactos desse tipo de intervenção.

3. BASES CONCEITUAIS DA METODOLOGIA ESTAR URBANO

A análise da intervenção de acupuntura urbana referida toma a fenomenologia como referencial metodológico uma vez que os padrões de interação não podem ser mensurados. Assim consideramos que os valores da percepção dos indivíduos sobre a intervenção, como o impacto nas relações entre as pessoas são primordiais para análise dos resultados.

Para a compreensão do método aplicado pela Estar Urbano, é preciso reconhecer que diante de sua intenção como atuação insurgente, ele não está focado apenas na dinâmica de um processo participativo de elaboração de projetos. Tanto o processo de elaboração do projeto, quanto a realização da intervenção, são vistas como uma das ferramentas para que se alcance os propósitos físicos da intervenção. Porém, existem propósitos abstratos, mais voltado a relação dos indivíduos com o espaço, entre si e consigo mesmo. Eles estão correlacionados a “percepção da essência” (Merleau-Ponty, 1942), a transmissão do conhecimento através da “intuição” (Edmund Husserl, 2006) e a “tática” (Certeau, 1986), aqui conectada a transformações espaciais não planejadas, insurgências descontroladas e fora de intenções pré-estabelecidas ou racionalmente elaboradas.

A corrente filosófica de Edmund Husserl e de Merleau-Ponty são as que fundamentam a fenomenologia citada com referência metodológica. O objetivo da fenomenologia descrita por Husserl, é conhecer os fenômenos tal como eles se apresentam na consciência humana. O interesse para a fenomenologia não é o mundo que existe, mas sim o modo como o conhecimento do mundo se realiza para cada pessoa. A forma como se vê o mundo, é o mundo do jeito que ele é. “A fenomenologia é o estudo da consciência e dos objetos da consciência” (Parágrafo 27 Edmund Husserl). Husserl propõe o estudo das vivências, dos estados de consciência, dos objetos ideais, desse fenômeno que é estar consciente de algo.

Husserl faz a ligação entre a consciência e o mundo objetivo por meio da ideia de intersubjetividade: a relação entre sujeito e sujeito e/ou sujeito e objeto. O objeto de análise de sua obra é a experiência imediata por meio dos atos de consciência (vivências).

As vivências dentro da metodologia do Estar Urbano, principalmente na etapa do EU SINTO, tem como principal função apurar a percepção dos participantes para a experiência da intervenção. As dinâmicas têm o propósito de lhes conduzir para o estado presente, utilizando os sentidos de percepção como exercício de presença. Uma vez no estado presente, os participantes são tomados pela consciência. Husserl definiu a consciência como unidade de vivências - totalidade de atos intencionais de significâncias. Nesse sentido, toda consciência é intencional por efetivamente se direcionar para algo: “todos os vividos que têm em comum essas propriedades eidéticas também se chamam ‘vividos intencionais’, uma vez que são consciência de algo, eles são ditos ‘intencionalmente referidos’ a esse algo” (HUSSERL, 2006, p. 89).

Husserl também apresenta a sua fenomenologia como um método de investigação que tem o propósito de apreender o fenômeno, isto é, a aparição das coisas à consciência, de uma maneira rigorosa. “Como um método de pesquisa, a fenomenologia é uma forma radical de pensar” (MARTINS, 2006). Desse modo o

fenômeno principal aqui evidenciado, é a forma pelo qual a aplicação da metodologia ESTAR URBANO tem como primordial a transmissão do conhecimento através da intuição: “A intuição é o dar-se conta da essência, do significado do que foi percebido.” (Parágrafo 27). Partiu-se do pressuposto do autor, onde a intuição é o ato pelo qual a pessoa apreende imediatamente o conhecimento pelo qual se depara. Husserl definiu a Fenomenologia em termos de “um retorno à intuição e a percepção da essência”.

Outro objetivo da metodologia é a “percepção da essência” (Merleau-Ponty, 1942) através de todos os atores da intervenção: dos que atuam ativamente no processo de transformação do local, dos que observam o processo da mudança realizada no local e dos que vivenciam os resultados pós-intervenção, validando o seu ressignificado.

A “percepção” nessa metodologia é extremamente valorizada, uma vez que ela tem a capacidade de colocar em segundo plano o intelectualismo, as disparidades socioculturais e assim também dissolve ideias limitantes sobre a capacidade de mudança no local ou nas pessoas. A percepção, nesse sentido, é um conhecimento que goza aqui de uma certa prioridade, talvez uma superioridade sobre o conhecimento técnico sem desconsiderá-lo. Porque aquilo que nos é dado diretamente através da percepção, pode trazer uma verdade muito mais efetiva, mais autêntica porque é mais originária do que aquilo que elaboramos, que representamos ou construímos através do pensamento. É uma oportunidade também de despir-se do papel do arquiteto urbanista, ou de qualquer tipo de qualificação intelectual que o ponha num lugar de diferenciação no campo de decisões ou soluções para uma intervenção urbana como essa.

No ponto de vista, cultural, psicológico, a percepção é o primeiro contato com as coisas e também com os outros através de uma relação direta e sensível. Merleau-Ponty, nesse contexto trouxe uma importante questão. Quando se chega ao mundo ainda sem uma ideia concebida, o que nos influi mais: é a percepção das coisas, a maneira como ela chega até nós via nossa sensibilidade ou é o nosso pensamento elaborado acerca das coisas?

Para Merleau-Ponty tudo passa primeiro pela sensibilidade para então se transformar num pensamento elaborado, já voltado para o conhecimento teórico. A percepção é o nosso contato imediato com o mundo, mas que por diversas razões, tanto da história da filosofia, como na evolução natural do conhecimento científico, nos distanciamos dela, da percepção original das coisas e fatalmente tentamos refazê-la pelo ponto de vista intelectual. Isso porque na nossa cultura, principalmente a ocidental, nos ensinou que a verdade é coisa de pensamento, da mente, do intelecto e que dificilmente estaria presente na percepção, na relação direta e sensível com as coisas. Mas a nossa forma de estar no mundo, antes de sofrer uma elaboração intelectual, ela é primariamente uma coisa pela qual se sente o mundo, o vivência de forma direta, através do nosso aparato psico-biológico, que é exatamente nossas mediações de percepção. Ela é uma coisa muito mais imediata e direta.

Por isso que se quer voltar a nossa origem de nosso conhecimento, do modo de existir, é preciso voltar ao estágio da percepção. Merleau-Ponty chama esse fenômeno de “pré-reflexão” (1945). A vida não é sempre toda ela refletida, como se tudo que, fizéssemos, fôssemos, e todas as formas da existência fosse atingir o intelecto. Então essa vida pré-reflexiva, pré-intelectual é a originária. Se a vocação da filosofia é a volta da essência das coisas, a vida pré-reflexiva é a volta às origens.

O exercício aqui é que através da recuperação da “percepção” (Merleau-Ponty, 1942), possa revelar um novo

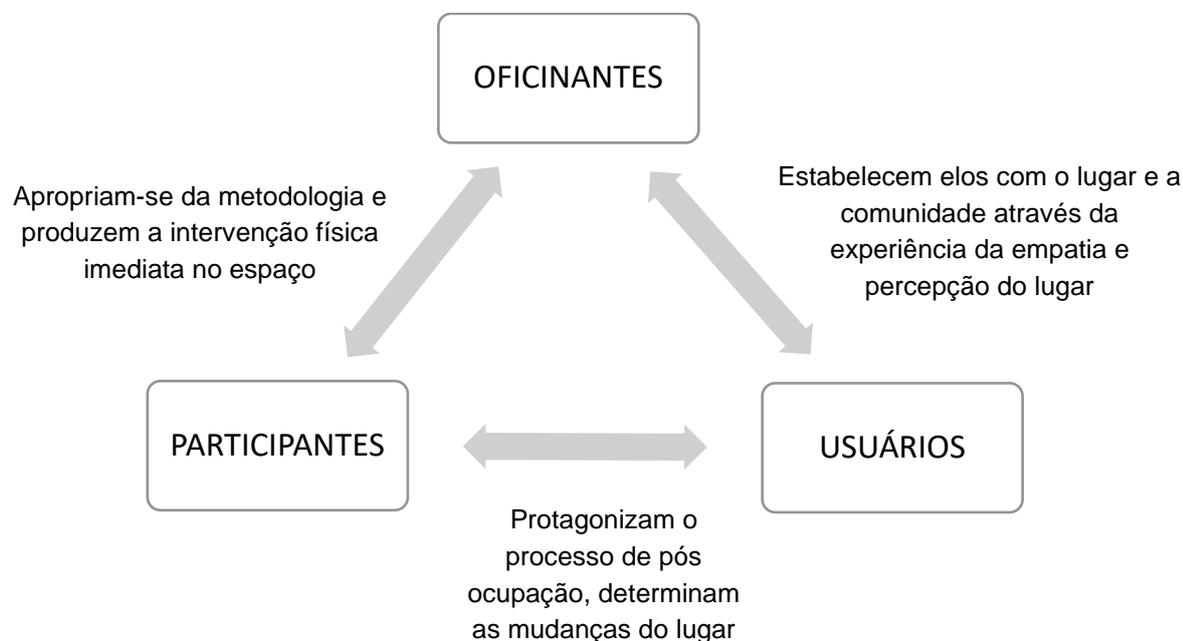
mundo para os participantes da intervenção, conectados naquele lugar. Mas mesmo que a metodologia EU SINTO EU PROJTO EU REALIZO EU CONECTO tenha esse propósito de alcançar essa percepção coletiva, é preciso estar ciente de que ela não é uma construção. É um modo como sentir o mundo, e por isso ela é uma coisa primária, originária, primordial da nossa relação com as coisas, com as pessoas e de cada um consigo mesmo.

Certeau contribui para essa visão da metodologia através da idéia dos processos táticos de ocupação dos espaços pelos seus usuários (CERTEAU,1996) onde elabora uma narrativa sobre os indivíduos ou grupos que são fragmentados em termos de espaço e que não mantém nenhuma base específica de operação (projeto, planejamento) , mas que são capazes de realizar um agrupamento de forma ágil para responder a uma necessidade que surja. Dentro dessa metodologia referida, associamos com facilidade o “consumidor” (CERTEAU) aos personas da intervenção: oficinas, participantes e usuários a serem descritos no próximo item.

A leitura de Certau sobre que a necessidade faz uma tática "surgir" no mundo, de forma mais horizontalizada e proativa dos indivíduos é uma forte influência nos métodos insurgentes do urbanismo. O que se opõe de certa forma, a “estratégia” (CERTEAU), que aqui consideramos ser mais associado a atuação de um mercado de consumo, que vê as necessidades de consumo sendo artificialmente produzidas, facilmente identificadas nas atuações do poder público atualmente.

3.1. Impacto da experiência nos atores envolvidos

Para análise da experiência da intervenção urbana, foi necessário identificar os atores dentro do contexto, como agentes impactantes e/ou impactados durante a aplicação da metodologia participativa. Dentro dessa metodologia, são definidos três perfis de atores: o oficiante, persona ativa que se voluntaria e participa de todas as etapas das ações da intervenção; o participante, persona que agrega a ação da intervenção participando das dinâmicas no local, desde a produção da ideia a produção física do espaço (podendo esse ser da comunidade local ou externo); e o usuário, aquele que usufrui do espaço intervindo, sendo também aqui o agente da pós-ocupação, podendo este ter participado das atividades anteriores ou não da intervenção. O usuário é também quem determina permanência ou mudança da intervenção proposta.



Uma vez identificados os atores e as suas ações dentro do processo participativo da metodologia EU SINTO – EU PROJETO – EU REALIZO – EU CONECTO, a análise subsequente é compreender o impacto da ação nas pessoas envolvidas e no lugar. Para isso, foi elaborado um levantamento de dados pós a intervenção por um período de quatro meses. Foram feitas visitas da equipe do Estar Urbano ao local, onde foram observadas as dinâmicas dos pós ocupação como as atividades sociais, a manutenção dos equipamentos locais e mudanças físicas do projeto proposto.

As informações também foram coletadas através da aplicação de um questionário direcionado ao público formado pelos três atores da ação. Ele tem como objetivo dimensionar os impactos no público alvo sobre os seguintes aspectos:

- O impacto das experiências dos participantes e oficinantes durante as ações da intervenção:

Público alvo: inscitos no workshop, empresas apoiadoras, entidades sociais locais (associação de moradores, coletivos de grafite, etc) e voluntários do mutirão (internos e externos a comunidade).

Questões levantadas: a metodologia aplicada foi considerada efetiva pelos participantes? Eles a aplicariam novamente em outros territórios? A metodologia foi absorvida? O sentimento de coletividade foi alimentado? Qual o legado individual dessa experiência para os participantes e oficinantes?

- A percepção do público sobre os resultados físicos da intervenção urbana:

Público alvo: inscitos no workshop, empresas apoiadoras, entidades sociais locais (associação de moradores, coletivos de grafite) voluntários do mutirão (internos e externos a comunidade) e moradores ou frequentadores do local que não participaram das atividades do workshop.

Questões levantadas: Reconhece que o projeto proposto condiz com as necessidades do local? Considera que a metodologia foi participativa? Tem frequentado mais o local após a intervenção? Considera alguma mudança na percepção do lugar? Está mais atrativo, seguro ou mais bem cuidado? Mudaria algo do que foi proposto? Quais as intervenções na infraestrutura foram mais relevantes na sua percepção?

4. METODOLOGIA ESTAR URBANO

A metodologia compreende a arquitetura e o urbanismo como ferramentas sociais capazes de transformar positivamente o mundo que habitamos, promovendo de maneira efetiva o bem-estar individual e coletivo. Entende que para o indivíduo se conectar integralmente com o meio ambiente e a cidade, ele precisa estar em harmonia com sua casa interior.

Através da metodologia a equipe exercita a escuta ativa e sensível para conduzir pessoas, através dos projetos, às suas atmosferas desejadas.

Hoje, a essência do trabalho do Estar Urbano é traduzida em uma metodologia própria, capaz de nortear todas as etapas técnicas e afetivas dos desenhos e realizações. As quatro etapas são Sentir, Projetar, Realizar e Conectar, inspiradas na metodologia do Instituto Elos, parceiro em algumas ações em Fortaleza e no interior do estado. A seguir, conheça um pouco mais de como EU sinto, como EU projeto e EU realizo, conectando pessoas e lugares.

4.1. EU SINTO

O ponto de partida é uma demanda existente, a necessidade da comunidade de resolver, criar ou transformar essa demanda em algo real. Todos os sentidos são aguçados na escuta ativa e sensível, bem como na observação do espaço e coleta de dados físicos que servirão de base para o projeto e para as análises comparativas após sua execução. O grupo de oficinas reunido para essa ação era diversificado em idade e atividades profissionais, trocando percepções e experiências por três dias de imersão que antecedeu a ida à comunidade. Durante essa imersão atividades lúdicas e de visualização conduzida foram propostas pelas facilitadoras e arquitetas para conectar o grupo e seus propósitos.

O primeiro dia de contato do grupo com o bairro Serviluz e seus moradores se deu em uma caminhada contemplativa pelas ruas locais. Em seguida todos compartilharam suas percepções para a então escolha do ponto específico a receber a intervenção de acupuntura urbana. Nesse ponto específico está localizado o antigo farol do Mucuripe, patrimônio histórico e tombado que se encontra atualmente abandonado.

O grupo se dividiu em duplas para uma nova atividade de percepção do local e de olhos vendados caminharam desafiando seus medos diante do desconhecido, ativando suas percepções de sons, cheiros, ventos, calor e barreiras físicas. Todas as percepções do território foram compartilhadas e acolhidas pelo grupo.

No segundo dia de visita ao Serviluz a equipe se dividiu para uma caminhada pelas ruas, observando aspectos locais, descobrindo os talentos do bairro e convidando moradores de forma afetiva a trocar um chocolate por um sonho coletivo. Foram distribuídos canetas e papéis coloridos onde os sonhos foram registrados através de textos e desenhos e pendurados em uma árvore próxima. A leitura dos papéis foi feita e os sonhos validados por todos os presentes. Nasce então a árvore dos sonhos. A árvore tem como principal objetivo elaborar um programa de necessidades participativo.



Fig.01. Farol do Mucuripe: lixo, esgoto e vulnerabilidade.



Fig.02. Insalubridade no Serviluz



Fig.03,04 e 05. Imersão do grupo multidisciplinar.



Fig.06. Reconhecimento do território e escuta ativa e sensível da comunidade.

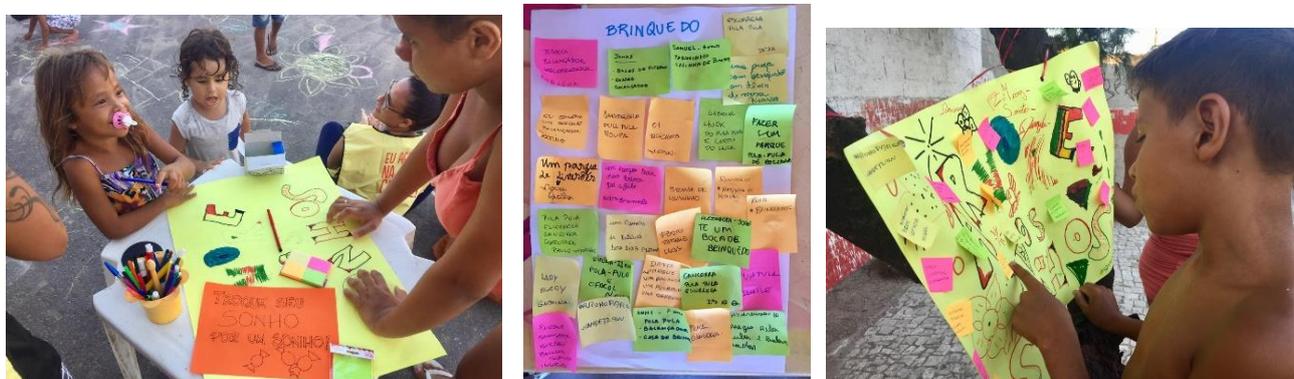


Fig.07, 08 e 09. Árvore dos sonhos

4.2. EU PROJETO

Aqui mente e coração se unem na leitura do programa que nasce com a árvore dos sonhos. Todos juntos dão sequência à maquete coletiva que conduz os primeiros traços de desenho. Toda bagagem técnica da arquitetura abraça e direciona os possíveis caminhos para um bom resultado do projeto, contemplando as necessidades observadas na etapa anterior. As ideias dessa primeira etapa de concepção são validadas com a comunidade e adequadas ao orçamento existente para darmos sequência ao projeto técnico.

Objetivo da maquete é aproximar o diálogo e o entendimento espacial do grupo com a comunidade, substituindo uma linguagem técnica de desenho por uma comunicação lúdica e acessível a todos os participantes. Os materiais utilizados são massinhas de modelar, coloridas e flexíveis, materiais de colorir, colagens e sobreposições de elementos naturais encontrados no próprio entorno do local.



Fig.10 e 11. Maquete lúdica e colaborativa.

4.3. EU REALIZO

Momento de concretizar os sonhos expressos na maquete colaborativa. É nessa etapa que todos se unem na captação de materiais e mão de obra necessários para realização do mutirão. Os fornecedores selecionados

deviam ter compromisso com o meio ambiente e com a cidade, além de pontualidade e preço justo. Os talentos mapeados na comunidade somam esforços nessa etapa para o preparo das refeições, nas oficinas artísticas com as crianças, no plantio e na confecção de mobiliários.

Muitos desafios dessa etapa colocam a criatividade em constante atividade, exercitando o olhar para além do objeto ou material descartado, visualizando possibilidades de reaproveitamentos desses resíduos. Foi necessário dividir a equipe nas variadas atividades como a retirada do lixo, preparo e plantio do jardim de chuva para drenar o esgoto que se espalhava junto ao lixo, oficina de brinquedos de pneus e mobiliários de pallets e pinturas artísticas.



Fig.12 a 17. Registros do processo de mutirão com oficinas de brinquedo com pneus, jardim drenante, mobiliários e mosaico.

4.4. EU CONECTO

Com o cronograma de obra concluído, é o momento de conectar o lugar às pessoas e de celebrar as conquistas coletivas. É importante planejar com eles a realização do que não foi contemplado, bem como um calendário de ações que possam ser mantidas ou ativadas por esse novo lugar. Através de atividades cotidianas, conseguimos avaliar o uso pós ocupação e observar tanto o que não se sustentou quanto o que se desdobrou a partir do empoderamento comunitário.



Fig. 18 a 19. Registros de atividades realizadas pós ocupação: campeonato de de futebol de rua, apresentação Mostra Bonecos do Mundo, no Farol do Mucuripe.

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao fim da ação, durante os primeiros meses, a ação conquistou uma repercussão midiática através de jornais e plataformas digitais. Em paralelo membros do escritório Estar Urbano, oficinas e moradores mantiveram o contato virtual a fim de organizar eventos para ocupar o espaço. Como fruto desta conexão, foi realizado o 1 Torneio de Futebol na Rua, assim como um evento de contação de histórias com crianças e jovens. A limpeza do lixo e as novas cores nos mobiliários lúdicos foram alguns dos aspectos físicos responsáveis por potencializar a atratividade do local, entretanto o senso de apropriação despertado demonstrou-se como a energia propulsora das ações da etapa EU Conecto.

Após um pouco mais de um ano, foi feita uma visita *in loco* em que foram registradas transformações relevantes do espaço. O jardim de chuva continua funcionando graças à manutenção periódica da moradora da casa vizinha a intervenção, assim como alguns brinquedos de pneus que foram revitalizados com uma nova pintura.



Fig. 20 Jardim de Chuva



Fig. 21 Mobiliários com pintura restauradas



Fig. 22 Área com grama desgastada

O campinho que foi delimitado com tinta verde no asfalto já não existe mais devido a uma obra de infraestrutura que substituiu o asfalto por piso intertravado; após a retirada do lixo e do esgoto, o espaço, segundo entrevistados, assumiu a função de receber festas em datas comemorativas e baile funk nos finais de semana. Por estes motivos também os brinquedos estavam afastados dos pontos que foram instalados e a grama desgastada.

Esse tipo de ocupação festival foi uma consequência que não era esperada pelos facilitadores da intervenção, porém é curioso perceber que o uso do espaço está suscetível a modificações improváveis e válidas para diferentes grupos da comunidade.

É relevante destacar que o bom estado de preservação dos mobiliários é graças ao esforço da moradora vizinha que aderiu a causa e dedica esforços frequentes para manter, apesar de relatar insatisfação por não sentir a colaboração dos demais vizinhos.

Devido às obras que estão ocorrendo, o acesso está com pontos de interdições, o que prejudicou a pesquisa no contato com um maior número de usuários da área de estudo. Desta forma, a fim de complementar a avaliação de pós-ocupação foram enviados formulários eletrônicos para os opinantes com perguntas referentes à imagem do local, à credibilidade da ação e aos impactos na comunidade. Ao todo foram seis pessoas entrevistadas, dentre eles haviam dois moradores. Quando perguntados sobre as imagens eu tinham do Serviluz antes do Workshop, as respostas variaram entre ambiente praiano, de prática de surf, inseguro, periférico, patrimonial, de profunda conexão ou de extremo desconhecimento.

Foi possível diagnosticar em uma segunda pergunta que todos expressaram uma mudança positiva desta imagem, justificada, segundo os respectivos entrevistados, por terem adquirido a confiança do potencial transformador em equipe através do processo de imersão do workshop. Cinco dos opinantes relataram terem retornado ao local e 100% expressou acreditar no potencial de ações urbanas colaborativas, assim como expressou o desejo por aplicar a metodologia em outros locais da cidade.

Em pergunta aberta foi respondida a pergunta sobre quais impactos positivos a intervenção proporcionou à comunidade. Segue abaixo a transcrição de uma das respostas coletadas:

Sim. O local onde foi realizada a intervenção era bastante degradado, acúmulo de esgoto e água da chuva sempre ocorria ali, não havia ocupação pelos moradores, gerando uma área de alto risco para quem precisava passar por ali, em especial as crianças. Hoje não há mais o acúmulo de esgoto e a população está ocupando o espaço principalmente as crianças que eram privadas de brincar no local. (Anônimo, empresário, 40 anos)

Por fim, como pergunta aberta novamente, foi questionado sobre o que teria marcado de forma mais relevante a aplicação da metodologia. Nas respostas, o envolvimento das crianças no processo criativo se destacou, assim como o senso comunitário que foi construído, como relata o seguinte depoimento:

O que mais me marcou no processo foi o olhar das crianças e dos pais envolvidos na ação, que viam que alguém estava preocupado com eles, com o bem-estar da comunidade. A interação com a população é o que mais vale. (Anônima, professora, 26 anos)

Desta forma, é possível definir que o Workshop atingiu os resultados esperados, tendo como aspecto mais gratificante a construção de novas perspectivas da cidade e o estímulo à apropriação urbana. É necessário reconhecer a dificuldade de controlar a manutenção da intervenção por parte do escritório, dificuldade esta justificada pela ausência de verba para tal finalidade. A afirmação de que a sustentabilidade social tem uma importante dimensão democrática nos espaços públicos (Gehl, 2013, p. 109) se confirmou com a aplicação do workshop a qual foi conquistada parcialmente no Serviluz, segundo relato dos moradores.

6. CONCLUSÃO

Através da aplicação da metodologia descrita no presente trabalho foi possível constatar que intervenções urbanas simplificadas e de pequeno porte, que se utilizam do conceito da Acupuntura Urbana têm o potencial de serem instrumentos eficientes na promoção de cidades mais saudáveis que promovam a vida.

Fatores determinantes foram identificados ao longo do processo: o primeiro é o processo de imersão local e direta dos “produtores” do projeto, criando empatia e conexão com o local e com as pessoas que convivem nesse lugar. O segundo processo é o envolvimento da comunidade local em todas as instâncias do projeto: desde o campo decisório sobre o que deve ser feito e onde, assim como no processo criativo das soluções, podendo participar também na construção física desse lugar. O processo de desenvolvimento de um desenho urbano baseado em evidências locais e fundamentado no conhecimento de como os moradores são afetados pelo seu ambiente. Para além de soluções espaciais, o desenho mais apropriado é aquele que promove o bem-estar humano e por isso, deve ser um desenho vivo, participativo, solto nos formatos e formas, complexo e altamente interconectado.

Ainda assim, o espaço urbano é um meio suscetível a surpresas, “Imprevisibilidade e espontaneidade são palavras-chaves” (Gehl, 2013, p. 22), assim como foi a mudança de uso do parquinho para realização de festas. Não se deve julgar a mudança de uso como uma consequência negativa, tendo em vista que novas apropriações podem beneficiar e agradar outro perfil de público significativo. É importante acolher essa mutabilidade orgânica da cidade, bem como as novas relações que se desdobram a partir dela.

REFERÊNCIAS

- BRAGA, José Otávio Santos de Almeida. Movimentos cívicos, cultura de participação e a transformação da cidade: Tensão e cooperação no desenvolvimento urbano. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2018.
- CERTEAU, Michel de. A invenção do Cotidiano. 3. ed. Petrópolis: Vozes Ltda, 1986.
- CERTEAU, Michel de. The Practice of Everyday Life, trans. Steven Rendall, University of California Press, Berkeley 1984.
- FALABRETTI, Ericson Sávio. A estrutura como logos da experiência pré-reflexiva. Porto Alegre: Veritas v. 58, n. 2, maio/ago 2013 p. 371-398. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/epsic/v13n2/06.pdf>
- GEHL, Jan. Cidades para pessoas. São Paulo, Perspectiva, 2013.
- LERNER, Jaime. Acupuntura Urbana. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- MERLEAU-PONTY, M. La Structure du Comportement, p. 298. Cf. Phénoménologie de la perception, PUF, Paris, 1942, 314 p.
- MERLEAU-PONTY, M. (1994). Fenomenologia da percepção (C. Moura, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Texto original publicado em 1945)
- MIRAFTAB, Faranak. Insurgência, planejamento e a perspectiva de um urbanismo humano. Ver. Bras. Estud. Urbanis Reg., Recife, v. 18, n. 3, set-dez 2016.

NASCIMENTO, Carine Santos. A vivência intencional da consciência pura em Husserl. São Paulo: Unesp, v.6, 2016. Disponível em:

https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/9_carinenascimento.pdf

SANTOS, Jose Henrique. O trabalho do negativo: ensaios sobre a Fenomenologia do espírito. São Paulo: Edições Loyola, c2007. 356p.

WILSON, Edward O.. Biophilia. Boston: Harvard University Press, 1986.